



ABORDAGEM HISTÓRICA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

*Débora Kelly Duarte da Silva*¹, *Tania Maria Gomes da Silva*²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR, Bolsista Taxa Prosup/CAPES UniCesumar, psi.deborakellyduarte@gmail.com.

² Doutora em História. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR, Bolsista produtividade em pesquisa no Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI), tania.gomes@unicesumar.edu.br.

RESUMO

O presente estudo propõe uma reflexão sobre a trajetória histórica e as mudanças conceituais relacionadas ao transtorno do espectro autista (TEA), desde suas primeiras descrições clínicas até os avanços diagnósticos e interventivos contemporâneos. Resgata-se a contribuição pioneira da psiquiatra Grunya Sukhareva que, em 1925, relatou os primeiros casos clínicos compatíveis com o autismo, antecedendo em duas décadas as publicações de Leo Kanner e Hans Asperger. Destaca-se a evolução conceitual do termo "autismo", usado por Eugen Bleuler para descrever aspectos de isolamento em quadros esquizofrênicos, até a formulação das categorias diagnósticas no Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM) culminando na concepção espectral proposta pelo DSM-5, em 2013. O artigo também problematiza a influência de teorias equivocadas, como a hipótese da "Mãe Geladeira", nos anos 1950, e ressalta a importância do diagnóstico precoce e das intervenções multidisciplinares individualizadas para o desenvolvimento e qualidade de vida de pessoas com TEA. Defende-se, ainda, a relevância da escuta qualificada e da atuação integrada entre profissionais de saúde, educação e famílias para a construção de estratégias mais eficazes e humanizadas de cuidado.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Transtorno do Espectro Autista; História; Síndrome de Asperger.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que se manifesta por dificuldades na comunicação e na interação social, além da presença de comportamentos restritos e repetitivos. Esses sinais geralmente surgem ainda na infância e, quando identificados de maneira precoce, oferecem maiores chances de uma intervenção eficaz, o que pode melhorar a qualidade de vida da pessoa com TEA. Cada indivíduo com a condição possui necessidades únicas, e é fundamental avaliar essas demandas para determinar o nível de apoio necessário. A avaliação dessas características é essencial para o planejamento de intervenções e para a gestão adequada de cada caso, já que, quanto maior o grau de comprometimento, mais suporte a pessoa precisará (APA, 2013)

Essa compreensão reflete a evolução contínua do conhecimento sobre o desenvolvimento humano e a complexidade da mente. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), como o conhecemos hoje, resulta de décadas de observações clínicas, pesquisas e, acima de tudo, da experiência vivida por indivíduos com autismo e suas famílias. O TEA é uma condição caracterizada por uma variedade de manifestações e necessidades de suporte, exigindo uma abordagem que vá além da simples categorização diagnóstica. Para entender verdadeiramente o autismo, é necessário explorar suas raízes históricas e compreender o impacto profundo que ele tem na vida das pessoas. Esta discussão propõe traçar uma linha do tempo do autismo, desde suas primeiras descrições até a concepção atual de espectro, destacando a transição da Síndrome de Asperger e enfatizando a relevância crucial do diagnóstico e da intervenção precoce. O objetivo é oferecer uma visão holística e humanizada, para ajudar a desmistificar o autismo e promover práticas de intervenção mais inclusivas, eficazes e sensíveis às necessidades únicas de cada pessoa dentro do espectro. Ao fazer isso, buscamos não só aprofundar o entendimento clínico, mas também apoiar a construção de uma sociedade mais acolhedora e compreensiva para as pessoas com TEA.



2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a construção deste estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica cuidadosa, com ênfase em artigos científicos publicados nos últimos dez anos (2015-2025). As fontes selecionadas incluem as bases PubMed, SciELO e BVS-Psi, reconhecidas por sua relevância e credibilidade nas áreas da saúde e ciências humanas, garantindo acesso a conteúdo de alta qualidade, revisados por pares e com impacto científico relevante. As buscas foram realizadas utilizando palavras-chaves, transtorno do espectro autista; história do autismo; síndrome de asperger. Os critérios de inclusão abrangeram estudos originais, revisões sistemáticas e artigos de revisão que discutem a evolução conceitual do autismo, a transição da Síndrome de Asperger para o TEA. Artigos que não se encaixavam no recorte temporal ou que não possuíam relevância direta com os objetivos da pesquisa foram excluídos. A análise dos artigos selecionados foi realizada de maneira qualitativa, com o intuito de identificar os principais marcos históricos, as transformações conceituais ao longo do tempo e as evidências que reforçam a importância da intervenção precoce no desenvolvimento das crianças com TEA.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A literatura sobre o autismo mostra uma trajetória de crescente compreensão sobre o transtorno, desde suas primeiras definições até a visão atual, que o enxerga como um espectro amplo e diversificado. Os estudos acerca do autismo passam por constante evolução, alimentados por observações clínicas, avanços científicos e, principalmente, pelas experiências vividas por indivíduos no espectro e suas famílias. O termo "autismo" foi usado pela primeira vez por Eugen Bleuler, em 1910, para descrever um sintoma de isolamento observado em pessoas com esquizofrenia, caracterizado como uma "fuga da realidade", ou seja, o afastamento para um mundo interior. Embora essa definição inicial seja muito diferente da que temos hoje, ela já apontava para a complexidade do funcionamento mental e a necessidade de entender as particularidades da experiência humana (LOUZADA, 2024). Antes das publicações de Leo Kanner e Hans Asperger, amplamente reconhecidas na literatura sobre o transtorno do espectro autista (TEA), a psiquiatra Grunya Sukhareva já havia desempenhado um papel pioneiro na descrição clínica de quadros compatíveis com o autismo. Em 1925, Sukhareva foi a primeira acadêmica a relatar, em um periódico russo e posteriormente em uma publicação alemã, casos clínicos de crianças do sexo masculino com características que hoje seriam identificadas como pertencentes ao espectro autista. Sua investigação descreveu seis meninos, com idades entre 2 e 14 anos, acompanhados durante aproximadamente dois anos em um hospital-escola. Na época, a autora denominou esses quadros como "psicopatia autista" (SHER E GIBSON 2021).

Nos relatos, Sukhareva destacou que cinco das seis crianças apresentavam comportamentos rigidamente estruturados em suas atividades diárias, demonstrando forte aderência a padrões fixos de execução de tarefas, o que ela descreveu como uma "tendência ao automatismo". Além disso, foram observadas dificuldades marcantes em lidar com mudanças na rotina, resistência ao novo, repetições frequentes de palavras (ecolalias) e padrões de comportamentos incomuns. Esses registros anteciparam, em cerca de duas décadas, as descrições que posteriormente se tornariam referenciais nos estudos sobre o autismo (SHER E GIBSON 2021).

Mas a grande mudança na história do autismo ocorreu nas décadas de 1940, com os estudos de Leo Kanner e Hans Asperger. Em 1943, Kanner descreveu o "autismo infantil precoce", caracterizado pela dificuldade de estabelecer laços afetivos com outras pessoas,



por uma obsessão com a repetição e uma linguagem peculiar. Suas descobertas foram fundamentais para a criação de um quadro clínico próprio, distinguindo o autismo de outras condições psiquiátricas. No ano seguinte, em 1944, Hans Asperger, na Áustria, descreveu um grupo de crianças com características semelhantes às observadas por Kanner, mas com habilidades de linguagem e inteligência mais desenvolvidas. Asperger destacou o potencial dessas crianças, que, apesar das dificuldades em socializar, podiam apresentar talentos especiais, essa visão foi mais tarde conhecida como Síndrome de Asperger. Um dos períodos mais difíceis na história do autismo foi a disseminação da teoria da "Mãe Geladeira", na década de 1950, que culpava as mães pela condição de seus filhos, associando o autismo à sua suposta frieza emocional. Essa teoria causou grande sofrimento e culpa nas famílias. Com o tempo, a ciência provou que o autismo tem uma base neurobiológica e genética, afastando essa explicação errônea e promovendo uma compreensão mais precisa do transtorno (LOUZADA, 2024).

As mudanças nas classificações diagnósticas também são indicativas da evolução na compreensão do autismo. Inicialmente, no DSM-II, o autismo era visto como um tipo de esquizofrenia infantil, mas, no DSM-IV, foi classificado como Transtorno Global do Desenvolvimento. Em 2013, o DSM-5 unificou essas condições sob o nome de Transtorno do Espectro Autista (TEA), eliminando categorias separadas, como a Síndrome de Asperger. Essa mudança reflete a compreensão de que o autismo é um contínuo de características e necessidades de apoio, não um conjunto de diagnósticos distintos. Essa abordagem espectral permite diagnósticos mais precisos e intervenções mais personalizadas, reconhecendo a individualidade de cada pessoa no espectro (LOUZADA, 2024). No caso das crianças, o diagnóstico precoce do TEA é fundamental. Estudos recentes destacam o papel essencial de profissionais de saúde, como pediatras, na identificação de sinais de desenvolvimento atípico. Entre esses sinais estão dificuldades na comunicação social, como pouco contato visual, falta de resposta ao nome e dificuldades em iniciar ou manter interações. Padrões repetitivos de comportamento e interesses restritos também são indicativos de que uma avaliação mais detalhada é necessária (CRESSONI et al., 2025; ALMEIDA et al., 2018).

Quando feito precocemente, o diagnóstico e a intervenção multidisciplinar podem fazer uma grande diferença no desenvolvimento das crianças com TEA. Estratégias que focam no aprimoramento das habilidades de comunicação, interação social, regulação emocional e autonomia, adaptadas às necessidades de cada criança, são essenciais para melhorar o seu desenvolvimento e proporcionar uma melhor qualidade de vida. A colaboração entre pais, professores e profissionais de saúde é fundamental para que essas intervenções sejam eficazes, criando um ambiente de apoio e aprendizado contínuo (ALBUQUERQUE et al., 2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória histórica do autismo, desde suas primeiras conceituações até a compreensão atual como um espectro, reflete um avanço significativo no campo da saúde mental e do desenvolvimento. A transição da Síndrome de Asperger para o Transtorno do Espectro Autista no DSM-5 representa um marco importante, consolidando uma visão mais abrangente e inclusiva das diversas manifestações de autismo. Essa evolução conceitual tem permitido um diagnóstico mais preciso e a implementação de intervenções mais eficazes e individualizadas, especialmente em crianças (LOUZADA, 2024).

A identificação precoce dos sinais do TEA e a subsequente intervenção multidisciplinar são pilares fundamentais para otimizar o desenvolvimento infantil e promover a qualidade de vida de crianças no espectro. A pesquisa contínua, aliada a uma abordagem humanizada e sensível, é essencial para aprimorar ainda mais nossa



compreensão do autismo e para desenvolver estratégias que promovam a inclusão e o bem-estar de todos os indivíduos no espectro. (CRESSONI et al., 2025; ALMEIDA et al., 2018; ALBUQUERQUE et al., 2024)

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 5. ed. Arlington: **American Psychiatric Publishing**, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>. Acesso em: 27 maio 2025.

ALBUQUERQUE, J. R. de, et al. Intervenções precoces em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Abordagens e resultados. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 11, p. 35–47, 2024. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/download/4085/4251/9241>. Acesso em: 3 jul. 2025.

ALMEIDA, S. S. de A., et al. Transtorno do espectro autista. **Residência Pediátrica**, v. 8, Supl.1, p. 1–10, 2018. Disponível em: <https://residenciapediatrica.com.br/detalhes/345/transtornodoespectroautista>. Acesso em: 3 jul. 2025.

CRESSONI, C. B., et al. Sinais precoces do Transtorno do Espectro Autista (TEA): o papel do pediatra no diagnóstico precoce. **Journal of Medical and Biosciences Research**, v. 1, n. 1, p. 1–15, 2025. Disponível em: <https://journalmbr.com.br/index.php/jmbr/article/download/534/445>. Acesso em: 3 jul. 2025.

LOUZADA, J. B. R. Autismo através dos séculos: uma análise histórica do desenvolvimento deste transtorno e seu impacto na sociedade. **Revista Tópicos**, v. 1, n. 1, p. 1–15, 2024. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/autismo-atraves-dos-seculos-uma-analise-historica-do-desenvolvimento-deste-transtorno-e-seu-impacto-na-sociedade>. Acesso em: 6 de jul. 2025.

SHER, D. A, GIBSON, J. L. Pioneering, prodigious and perspicacious: Grunya Efimovna Sukhareva's life and contribution to conceptualising autism and schizophrenia. **Eur Child Adolesc Psychiatry**. 2023 Mar;32(3):475-490. doi: 10.1007/s00787-021-01875-7. Epub 2021 Sep 25. PMID: 34562153; PMCID: PMC10038965. Acesso em: 27 maio 2025.